

Recebido em: 13/05/2021  
Aprovado em: 14/06/2021  
Publicado em: 15/07/2021

**A DESCOBERTA ACIDENTAL DE FREUD**  
**um esboço de uma nova Filosofia e a Filosofia do Freudismo**

**FREUD'S ACCIDENTAL DISCOVERY**  
**a draft of a new Philosophy and the Philosophy of Freudianism**

Daniel Cardozo Severo<sup>1</sup>  
([dcsevero@gmail.com](mailto:dcsevero@gmail.com))

**Resumo:** O presente artigo visa explicitar a interpretação de Merleau-Ponty sobre a Psicanálise e a obra de Freud. O filósofo percebeu nos trabalhos do pai da Psicanálise a presença de um projeto de uma nova Filosofia, o qual denominou de *freudismo* ou *Filosofia do Freudismo*. Nesse projeto, segundo o filósofo, há a presença de um pensamento técnico revolucionário que superaria as dicotomias gestadas na tradição filosófica, a qual o filósofo tanto critica. Entretanto, esse projeto não se efetivou em uma Filosofia em ato ainda, e isso se deu não só devido aos problemas de formalização teórica da Psicanálise, mas também devido ao modo pelo qual alguns psicanalistas recepcionaram e interpretaram o pensamento de Freud.

**Palavras-Chave:** Filosofia da Psicanálise. Psicanálise. Freud. Merleau-Ponty. Filosofia do Freudismo.

**Abstract:** This article aims to clarify the interpretation of Merleau-Ponty on Psychoanalysis and Freud's work. The philosopher saw in the works of the father of Psychoanalysis the presence of a project of a new philosophy, which called the *Philosophy of Freudianism* or *Freudianism*. This project has the presence of a revolutionary technical thought that would overcome the dichotomies generated in the philosophical tradition that the philosopher criticizes. However, this project was not carried out in a Philosophy in action. Because there were problems with theoretical formalization of Psychoanalysis and the way in which psychoanalysts received and interpreted Freud's thought.

**Keywords:** Philosophy of Psychoanalysis. Psychoanalysis. Freud. Merleau-Ponty. Philosophy of Freudism.

\*\*\*\*\*

O primeiro ponto de destaque desse trabalho refere-se ao título, mais especificamente aos termos “descoberta” e “acidental” contidos nele. Esses dois termos foram escolhidos em respeito à visão de Freud (1919; 1933) de que a Psicanálise não é uma *Weltanschauung* (uma visão de mundo ou uma Filosofia). Aliás, para Freud (1890), os nascimentos da técnica psíquica

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo – Unifesp.  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7682100151879757>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9953-7438>.

ou anímica e do tratamento psicanalítico só foram possíveis em virtude das conquistas do campo médico obtidas pelo abandono da infrutífera (segundo o autor) dependência da Filosofia da Natureza, que as submeteu às influências das Ciências Naturais. Por meio dessa troca se estabeleceram as condições necessárias para viabilizar a criação de um tratamento psíquico científico. Denota-se, portanto, que só nesse momento de mudança de influências se tornou plausível a Freud (1890) as conquistas e os avanços no campo científico, ou seja, ao se diferirem do campo especulativo. Isso não significa da parte do pai da psicanálise uma adesão cega ao discurso científico natural da época, uma vez que Freud (1890) compreende que houve “uma tendência de juízo errônea”, a qual fez com que “os médicos limitassem o seu interesse ao físico” (FREUD, 1890, p. 20). Apesar da postura crítica de Freud (1890) ao discurso científico da época, a separação entre Filosofia e Ciência Natural lhe é central, e compreendida como uma evolução que permite o nascimento do tratamento psíquico. O que Freud (1890; 1919; 1933) entende por Filosofia (e/ou *Weltanschauung*) e Psicanálise e o que os filósofos e psicanalistas contemporâneos entendem o que elas são apresentam suas diferenças e revisões. É curioso e benéfico ao pensamento contemporâneo que, apesar da insistência freudiana em separar a Psicanálise da Filosofia, as diferentes perspectivas do que seriam a Filosofia e a Psicanálise atuais fazem com que, aos olhos de inúmeros filósofos e psicanalistas contemporâneos, elas se aproximem e muitas vezes se misturem – pois se vê a abertura de um novo campo chamado *Filosofia da Psicanálise*, por exemplo. Dessa forma, caracteriza-se a descoberta filosófica acidental freudiana, ou seja, a *contragosto* de Freud (1890; 1919; 1933). Infelizmente para ele e felizmente para nós, o seu pensamento “esboça uma filosofia” como afirma Merleau-Ponty (1958-59), que possibilita essa não-Filosofia – a Psicanálise – “ser talvez uma filosofia mais profunda” (MERLEAU-PONTY, 1960-61, p. 389). Aí então reside a outra parte do título “um esboço de uma nova Filosofia”, a qual é percebida por Merleau-Ponty (1958-59; 1960-61; SEVERO, 2018) e que o presente trabalho visa explicitar.

Esse esboço de uma nova Filosofia permanece para Merleau-Ponty (1964a; SEVERO, 2018) nesse registro, ou melhor, como algo a ser realizado ou como projeto não desenvolvido. A título de ilustração, selecionamos duas notas de trabalho de *Le visible et l'invisible* em que o filósofo deixa isso claro. A primeira nota chama-se *Nature*, de novembro de 1960, nela Merleau-Ponty pontua “uma psicanálise da Natureza: é a carne, a mãe”, pois “uma filosofia da carne é uma condição sem a qual a psicanálise permanece antropologia” (MERLEAU-PONTY, 1960a, p. 321). Já a segunda nota intitula-se *Corps et chair – Eros – Philosophie du Freudisme*, de dezembro de 1960, onde se vê o sentido de ambas as notas se complementarem, pois, Merleau-Ponty discorre “a filosofia de Freud não é filosofia do

corpo, mas da carne” (MERLEAU-PONTY, 1960b, p. 324) e por isso é necessário fazer “não uma psicanálise existencial, mas uma psicanálise ontológica” (MERLEAU-PONTY, 1960b, p. 324). Esses exemplos demonstram a percepção de Merleau-Ponty (1958-59; 1960-61; 1964) em relação ao pensamento freudiano sobre a existência de uma Filosofia e na Psicanálise um projeto filosófico em potência – percepção essa que caminha por toda sua obra (Severo, 2018). Pode-se ver também esse projeto na Psicanálise pós-freudiana aparecendo, por exemplo, aos olhos de Bion (1962) como a Psicanálise sendo uma *Filosofia aplicada* ou a aplicação de uma determinada Filosofia. Entretanto, ao filósofo, o motivo da Psicanálise ainda não ser uma realização filosófica ou uma Filosofia aplicada se dá devido à necessidade de uma *depuração* de suas propostas teóricas (SEVERO, 2018), que estariam contaminadas por causalidades e cientificismo, ou como Merleau-Ponty (1945; 1964b) preferiu chamar de *prejuízos clássicos* e/ou *pensamento de sobrevoos*. Essa contaminação ocorreu não só pelos equívocos interpretativos de psicanalistas ao pensamento freudiano baseados nos *prejuízos clássicos* e/ou *pensamento de sobrevoos*, como também por um desejo equívoco do próprio Freud: o de formalizar teoricamente suas descobertas e intuições colhidas por meio de sua inovadora técnica em premissas científicas naturais ultrapassadas. Para Merleau-Ponty (1951), Freud desejou estruturar toda a sua teoria nessas premissas ultrapassadas e calcadas em um espólio de ideias do fim do século XIX e início do século XX que precisam ser superadas, embora a técnica freudiana seja revolucionária exatamente porque realiza essa superação (SEVERO, 2018). Esses equívocos teóricos impregnaram as interpretações de alguns psicanalistas freudianos e pós-freudianos, distorcendo o pensamento de Freud até os dias atuais (SEVERO, 2020). Esse conflito entre uma formalização teórica equivocada e uma inovação técnica, para Merleau-Ponty, é algo permanente na obra de Freud (SEVERO, 2018). Isso faz com que um trabalho filosófico, quicá fenomenológico, seja necessário para que se depure e se realize a Filosofia do Freudismo presente na obra do pai da Psicanálise e faça com que o projeto filosófico em potência se torne uma Filosofia em ato. Em relação às várias obras de Merleau-Ponty nas quais Freud e a Psicanálise aparecem, e que revelariam essa perspectiva apresentada, citamos *L’homme et l’adversité* de 1951 como ponto de elucidação.

O texto *L’homme et l’adversité* contribui de forma fundamental para a explicitação da perspectiva de Merleau-Ponty sobre Freud, sobre a Psicanálise e como esta poderia se tornar uma Filosofia em ato. Nesse trabalho, o filósofo visa, dentre outras coisas, fazer um balanço do progresso das investigações filosóficas contemporâneas a ele, tomando como período o início da metade do século XX – e nesse contexto se destacam o papel da Psicanálise e de Freud. Merleau-Ponty (1951) considera, a princípio, que a tarefa de refletir acerca do progresso das

investigações filosóficas é impossível para uma só pessoa, e isso se daria devido a uma *lei da cultura* ou *coletiva* que faz com que cada ideia progrida transversalmente, tornando-se outra coisa daquilo que era quando instituída. A marcha dessa progressão transversal ocorre, então, no exato momento em que cada geração filosófica recebe o espólio de ideias das gerações anteriores e se dispõe a pensá-las, pois, ao pensá-las, transforma-as realizando alguma progressão, ou melhor, algum movimento novo de ideias e pensamentos. Ao tomar essas ideias e ao conhecê-las, inevitavelmente, imprime-se nelas uma maneira de ser própria e outra a elas, mobilizando-as como uma necessidade expressiva que metamorfoseia a própria linguagem e os conhecimentos instituídos. Essas ideias e verdades instituídas ou instituintes não conseguem revelar completamente as experiências às quais elas respondem e muito menos explicitar por completo a conexão das situações às quais elas se definem. Logo, as grandes obras do pensamento serão sempre retomadas dessas experiências e das estruturas mais gerais – serão sempre dialeticamente instituintes e instituídas. Essa dialética instituinte-instituída delimita uma determinada *paisagem histórica* e certo estado de problemas que inevitavelmente excluem certas soluções e impõem determinadas respostas. Dessa forma, o ponto central para Merleau-Ponty encontra-se no movimento dialético das ideias, pois, ao se movimentarem, elas revelam verdades ao responderem “a alguma pulsação da vida interindividual que se expressa e traz mudanças ao conhecimento do homem que se relaciona com uma nova maneira de exercer sua existência em si mesmo” (MERLEAU-PONTY, 1951, p. 366), mesmo que seja dentro de uma determinada paisagem histórica. Portanto, essa maneira de exercer a existência em si mesmo revela que o homem não se vê como uma coisa e não coincide consigo mesmo, ele se vê sempre dentro de uma determinada paisagem histórica, pois para ele faz-se necessário representar-se a si mesmo, ver-se, imaginar-se, criar símbolos para si. Qualquer mudança nas percepções sobre o homem, ou sobre o si-mesmo, abrange mudanças dele mesmo ou nele mesmo, abalando os horizontes da paisagem na qual está inserido e forçando a abertura desses horizontes.

Vemos também que essa paisagem permeia a relação do homem com o conhecimento, pois o conhecimento no homem se sedimenta em valores ou se instituem, sendo sua substância (instituído) e indo além (instituinte), visto que o conhecimento é sentido por ele como uma forma ou modulação de experiências. Ao observar esse movimento das ideias em nós leitores, por exemplo, vemos que as obras se comunicam, traduzem-se em sistemas conceituais distintos, em relações objetivas, formam conexões entre filósofos díspares. Isso se dá devido ao próprio movimento das ideias ou dos sistemas conceituais diferentes que “se reconciliam porque eles respondem a uma só situação da cultura” (MERLEAU-PONTY, 1951, p. 367). Desse modo, nossas respostas às nossas vivências possuem formas que circunscrevem não só os

meios sensíveis de nossa experiência, como também nos ajudam a formulá-las – tanto o que somos ou a representação de homem que usamos quanto novos meios a novas experiências da nossa própria condição. Para Merleau-Ponty (1951), Freud não escapa a essa condição, nem da função de pensador.

Segundo o filósofo, a paisagem histórica de Freud fora construída a partir de um espólio de ideias oriundas do fim do século XIX, e que, no início do século XX, formou um horizonte histórico que, ao invés de ir além das antíteses das épocas anteriores, promoveu uma renovação delas, culminando em uma dicotomia restaurada entre o materialismo e o espiritualismo. Além dessa perseverança dicotômica, o filósofo percebe também a existência de um ponto de partida comum: a ideia de que desde o princípio a vida humana necessita a sua existência de uma ordem particular, original ou única. Isto é, sem essas condições especiais, nenhuma organização natural do mundo conseguiria oferecer possibilidades de existência a vida humana. Merleau-Ponty (1951) afirma que no início do século XX houve muitos pensadores que, de um lado desse ponto comum e dicotomia, conceberam essas condições especiais à existência da humanidade a partir de um sentido estrito material e biológico; e, de outro lado, conceberam que essas condições residiam em alguma uma força motriz ou sobrenatural. Para uns, a humanidade é assim concebida como um episódio da evolução e um caso específico de adaptação, reduzindo-se a vida a componentes físico-químicos, a dimensão verdadeiramente humana no mundo passa a ser vista como uma contingência elementar do organismo. Para outros, a condição especial da humanidade reside em uma força motriz que, quando não derivava de alguma fonte sobrenatural, depositava-se na natureza humana, salvaguardando a incondicionalidade e as características próprias da espécie humana. Dessa forma, para o filósofo, o início do século XX se caracteriza como sendo uma época repleta de noções absolutas, ou pontos de partida comum, e dicotômicas. Uma época cindida entre valores e realidades; interior e exterior; o eu (interior) e o outro (exterior); matéria e espírito. Portanto, caberia aos pensadores do século XX, segundo o filósofo, superar essas dicotomias e não as realizar ou aprofundá-las ainda mais. Freud aparece para Merleau-Ponty (1951) como um pensador que as irá superar de modo bem peculiar, diga-se de passagem, mas irá - diríamos acidentalmente.

Apesar do século XX, em seu início ser um século em que se renovaram as dicotomias, da perspectiva de sua superação, para Merleau-Ponty também (1951) é uma época em que surgiram pensadores que as ultrapassaram. Encontramos perspectivas em que a linha que separava corpo de um lado e espírito de outro fora desfeita, permitindo que uma visão nova sobre a vida humana se formasse distinta da visão materialista ou espiritualista. Vendo a vida

humana como “espiritual” e corporal, e sempre sustentada pelo corpo, pensadores perceberam formas carnis incrustadas nas relações pessoais e mundanas. O filósofo afirma que no decorrer do século XX, diferente do início do mesmo e do final do século XIX que via o corpo como pedaço de matéria e como uma máquina ou estrutura mecânica, restaurar-se-á e se desenvolverá a noção de *carne e/ou corpo animado*. Merleau-Ponty (1951) esclarece que é nesse projeto de restauração que surge a centralidade da Psicanálise, pois, é por meio dela ou nela que nos revelará caminhos em que conseguiremos perceber essa mudança - inclusive as próprias concepções teóricas freudianas passaram por esse mesmo processo. Vemos na própria Psicanálise e por ela que uma visão inicial de corpo segundo o século XIX passa a uma noção hodierna de *corpo vivido*. Um leitor apressado, alerta-nos Merleau-Ponty (1951), poderá entender os primeiros trabalhos de Freud de modo antagônico a sua intenção (técnica e filosófica – *freudismo*). Ou seja, que Freud repetiria ou renovaria as dicotomias, não percebendo que, na medida em que ele toma e alinha a Psicanálise e suas noções em contato com a experiência clínica, uma nova concepção de corpo já era convocada desde as suas teorizações iniciais.

Merleau-Ponty (1951) não fecha os seus olhos ao desejo freudiano de apoiar seus conceitos em noções ultrapassadas (século XIX e início do XX) das Ciências Naturais. De propor algumas noções de desenvolvimento humano sustentando sobre o biológico, como, por exemplo, o instinto – ou seja, uma ânsia de Freud em estabelecer a Psicanálise como Ciência Natural<sup>2</sup>, diríamos. Entretanto, as propostas contidas em sua obra já perturbam as noções dicotômicas (inclusive, no caso, do instinto) desde o início. Freud acabou por dissolver os critérios tradicionais que pretendia usar quando acreditava que os circunscrevia. Prosseguindo no exemplo, Freud ao tomar o sentido do termo instinto até então, ao defini-lo no homem, mostra algo distinto e tem como resultado que o sentido de instinto tradicional e preponderante em sua época não se aplica ao homem. Merleau-Ponty (1951) ilustra sua percepção ao resgatar a visão freudiana da criança *perverso-polimorfa*, visto que, para o filósofo, esse conceito ilustra uma intuição original: a de que só estabelecemos nossa sexualidade adulta por meio de uma difícil história individual. Essa intuição original revela, assim, a essência do *freudismo*, a saber; a dissolução dos conceitos tradicionais e a formulação de novas noções que fornecem novos meios de formalizarmos nossas experiências. Um dos trabalhos freudianos centrais, que ilustra muito bem esse movimento de dissolução dos conceitos tradicionais quando Freud acreditava que os circunscrevia e que fornece novos meios para formalizarmos nossas experiências,

---

<sup>2</sup> Como ilustração dessa tentativa ver: GLYMOUR, 2018.



é o texto *As pulsões e seus destinos* de 1915 – um dos textos cardinais da *metapsicologia*. Nele, vemos Freud (1915) iniciar sua definição de *pulsão* (*Trieb*) em parâmetros tradicionais e circunscritos no universo da Ciência Natural para logo em seguida dissolver esse biologismo e, ao longo de sua exposição, revelar para a Ciência um novo corpo – a *Carne* (MERLEAU-PONTY, 1951). É esse também um dos textos freudianos principais em que se discute o porquê de traduzir *Trieb* por pulsão e não instinto, e, por isso, empregaremos a seguir o termo pulsão e não instinto como utilizado por Merleau-Ponty (1951).

Após iniciar e apresentar o procedimento conceitual e o estatuto científico dos conceitos fundamentais da Psicanálise (IANNINI, 2019), Freud (1915) se propõe a *preencher* com conteúdo de diferentes *lados* o conceito fundamental de *pulsão*. O primeiro lado escolhido e eleito é a *Fisiologia*. Antes de entrarmos nesse primeiro lado, vale a pena se ater ao termo *lado*<sup>3</sup>. Por si só conseguimos ver que a Ciência Natural – representada inicialmente pela Fisiologia no texto freudiano -, é um lado e não o único. A Fisiologia seria, portanto, um ponto de integração e não de sobreposição; que compõe e que não é a causa ou a natureza da *pulsão* – algo relevante na dissolução dos critérios tradicionais quando Freud acreditava circunscrevê-los (MERLEAU-PONTY, 1951). Adentrando na colheita de conteúdos ao conceito *pulsão* por esse lado fisiológico, Freud (1915) afiança que esse lado lhe proveu dois elementos importantes: “o conceito do *estímulo* e o esquema do arco reflexo” (FREUD, 1915, p. 17). A importância do primeiro reside na *relação* com a *pulsão*, em que ela seria um modo de aplicação específico do estímulo, no caso “a pulsão seria um estímulo para o psíquico<sup>4</sup>” (FREUD, 1915, p. 17). Já o segundo elemento, destaca a necessidade de descarregar esse estímulo por meio da ação. Especificando o primeiro elemento, a *pulsão* seria uma das formas de estímulo ao psíquico, mas não a única forma. Em especial e singular, o estímulo pulsional nasce sempre do interior do organismo e, por esse motivo, requer ações específicas à sua eliminação. A sua força constante caracteriza esse estímulo pulsional de modo único, e isto faz com que Freud (1915) compreenda que “uma denominação melhor para o estímulo pulsional seria “necessidade”, e para o que suspende essa necessidade, ‘satisfação’” (FREUD, 1915, p. 19). Esse lado fisiológico já

<sup>3</sup> Hanns (2004) em sua tradução do mesmo texto de Freud optou pelo termo *ângulo* e não *lado*. O importante é sublinhar a ideia de fronteira que o termo *pulsão* possui e o quanto, devido a sua condição, consegue-se somente designá-la e não a nomear. Logo, para *intuímos* o que ela seria, precisamos adotar perspectivas distintas para captá-la, irmos aos limites da nomeação e das perspectivas para chegarmos às suas designações e, assim, contemplá-la. Não podemos esquecer também que a *pulsão* possui fonte somática (ponto de vista biológico), mas o seu objeto encontra-se no registro psíquico (ponto de vista anímico), portanto, podemos falar sobre ela e designá-la de ambos os pontos de vista, tanto do ponto de vista somático quanto do ponto de vista psíquico, no entanto, ela não se encontra em nenhum deles (GARCIA-ROZA, 2014).

<sup>4</sup>Aqui vale destacar a observação de Garcia-Roza (2008) sobre o “*para o psíquico*”, pois, segundo o autor, isso revela a indeterminação do conceito, ou seja, a *pulsão* não seria nem instinto nem psíquico.

proveria, segundo o autor, uma descrição das primeiras formas de um ser vir-a-ser; ou de um ser vivo que, por meio de estímulos em sua substância nervosa, organiza sua existência; ou de estar “em condições de estabelecer uma primeira diferenciação e adquirir uma primeira orientação” (FREUD, 1915, p. 19). Devido à premência do estímulo pulsional e a variância de outro estímulo qualquer (outro estímulo existente – não-pulsional), podemos distinguir um “dentro” de/ou um “fora”, um mundo interior de/ou mundo externo. Importante vemos o movimento de dissolução dos critérios tradicionais, que ao colher conteúdos ao conceito *pulsão* de um lado e por meio de um ramo da Ciência Natural, Freud (1915) já dá indícios de sua dissolução à medida que circunscreve o conceito. Freud (1915) alça da matriz fisiológica a possibilidade de algo além da própria matriz e, por meio da própria matriz e de fatos fisiológicos, a possibilidade de mundo interno e mundo externo – matriz e fatos anímicos. Assim, um primeiro ensaio de dissolução, que se efetivará em um momento de virada do texto freudiano mais à frente, ocorre quando falarmos dos *destinos da pulsão*.

Permanecendo ainda no texto, Freud (1915) coloca que esse primeiro lado, o fisiológico, ainda lhe revela e lhe serve certos pressupostos “complexos” que são guias à sua incursão no mundo dos fenômenos psicológicos. Assim, dotado de um pressuposto de natureza biológica – de que a tarefa do sistema nervoso é o domínio dos estímulos – Freud (1915) o aproveita no tocante às *pulsões*. A primeira rota indicada pelo guia fisiológico é que a *pulsão* obriga “o sistema nervoso a abdicar de sua intenção ideal de conservar afastados os estímulos distantes, pois mantêm um inevitável e contínuo afluxo de estímulos” (FREUD, 1915, p. 23); e, segundo, exatamente por obrigar essa abdicção, a consequência é reveladora, pois seriam as *pulsões* “os verdadeiros motores dos progressos que conduziram o sistema nervoso, com sua infundável capacidade de realização, ao seu tão elevado patamar atual de desenvolvimento” (FREUD, 1915, p. 23). Na sequência ao elevado patamar de desenvolvimento, Freud (1915) expõe a presença e participação de uma atividade psíquica no processo: o *princípio de prazer*, provendo o conceito de elementos de outro lado – o anímico no caso. Apesar disso, e se mantendo ainda no lado biológico, Freud (1915) encontra um “*lugar*” para a *pulsão*, o de conceito fronteiro ou conceito limite entre o anímico ou psíquico e o somático. Veja que Freud (1915), de um lado, diz que a *pulsão* se apresenta como “representante<sup>5</sup> psíquico dos estímulos do interior do corpo” (FREUD, 1915, p. 25), e enquanto representante, a *mensagem* que a *pulsão* transmite é

<sup>5</sup> É válido mais uma vez observar as traduções, Hanns (2004) em sua tradução do texto freudiano aponta que o autor usou o termo *Repräsentant* nesse momento e não *Vorstellung*, algo que Garcia-Roza (2008) também verifica. O primeiro termo alemão apresenta uma conotação de “estar no lugar de” no sentido mais de ser um *enviado* ou *mensageiro*, algo não presente no segundo termo alemão – que possui uma tradição filosófica que o insere em um sentido distinto ao usado pelo primeiro termo.



de uma demanda e exigência de trabalho ao anímico ou psíquico, ou seja, a *pulsão* “informa” ou “narra” ao psíquico quais são as exigências do somático. De outro lado, ele diz que a *pulsão* só consegue enviar essas demandas ao anímico “em decorrência de sua relação com o corporal” (FREUD, 1915, p. 25), logo, se há uma relação com o corpo ou o corporal, e devido ao fato dela ser um conceito fronteiro ou limite, vemos que a *pulsão* é outra coisa que o somático. A partir desse ponto do texto, Freud (1915) apresenta os termos utilizados em correlação ou conexão com o conceito de *pulsão*. Dentre eles (*pressão*, *meta*, *objeto* e *fonte*), vemos que a *fonte* nos fornece inicialmente alguns dados relevantes desse processo de dissolução dos critérios tradicionais quando Freud acreditava que os circunscrevia como indica Merleau-Ponty (1951).

Freud (1915) diz que “por fonte da *pulsão* entende-se o processo somático em um órgão ou parte do corpo, cujo estímulo é representado na vida anímica pela *pulsão*” (FREUD, 1915, p. 27). Vemos que Freud (1915) não diz que a *pulsão* é esse processo e nem o estímulo que ela representa, o autor nos informa que há um processo, o qual gera um estímulo, e que é informado ou narrado (representado) ao psíquico pela *pulsão* – nos revelando sua essência ou natureza de mensageiro. Por essa razão não faz sentido a Psicologia e a Psicanálise estudarem a fonte da *pulsão* para Freud (1915), pois sendo um processo somático foge de seus domínios. Interessa à Psicanálise estudar a mensagem e como ela chega ao psíquico, por isso, Freud (1915) considera necessário investigar a *meta* – que é o que nos faz conhecer a *pulsão* na vida anímica. A *meta*, apesar de ser sempre a satisfação, só é possível por meio do *objeto*, que, por sua vez, “é o que há de mais variável na *pulsão*, não estando originariamente a ela vinculada, sendo apenas a ela atribuído por sua capacidade de tornar possível a satisfação” (FREUD, 1915, p. 25). A vinculação *pulsão/objeto* é contingente, a qual transborda e ultrapassa os limites da Fisiologia e da Biologia – impostos pelo conceito de instinto, por exemplo. O texto das *pulsões*, a partir dessa perspectiva sobre o objeto, chega, assim, aos *destinos da pulsão* (a reversão em seu contrário, o retorno em direção à própria pessoa, a sublimação e o recalque) em que qualquer tentativa biológica fica inteiramente desqualificada (GARCIA-ROZA, 2014). São os destinos da *pulsão*, que não deixam de ser o objeto, que mostram a efetivação de uma dissolução dos conceitos tradicionais à medida que Freud (1915) os circunscreve, pois, esses caminhos ou os destinos das *pulsões* estão mais para uma gramática das *pulsões* do que para o solo epistemológico da Biologia (DUNKER, 2019).

Como mencionado por Merleau-Ponty (1951), cada época possui grandes obras que respondem a estruturas mais gerais que delimitam e determinam uma paisagem histórica. A paisagem histórica freudiana é a do fim do século XIX e início do XX, uma paisagem que

renova a dicotomia e as antíteses do materialismo e do espiritualismo. Desse modo, vemos em Freud o valor de sua paisagem história, na qual havia uma imensa estima em atrelar a Psicologia à Física e à Biologia – representadas, por exemplo, na busca de situar os mecanismos do pensamento em regiões do sistema nervoso ou em leis termodinâmicas (GLYMOR, 2018). Freud bebe dessa água em suas especulações sobre a fisiologia da mente ou do aparelho anímico, isto é, percebemos a tentativa dele de estipular um modelo de “máquina mente”, que embasa até muito das teorias cognitivas contemporâneas, por sinal (GLYMOR, 2018). Logo, não se nega que há em Freud uma tentativa ou que permeia em seu pensamento uma concepção de que somos *máquinas biológicas*, que computa e apreende informações por meio do *princípio de prazer*, por exemplo, da mesma forma que se alteram os estados materiais segundo as leis da Física. Vemos esses elementos ilustrados, por exemplo, nas explicações freudianas das distribuições de energia por meios representacionais (de coisa ou de palavra) de modo espontâneo em que surgem de forma natural e anterior a qualquer linguagem natural ou idioma a ser apreendido e adquirido (GLYMOR, 2018).

Entretanto, para Merleau-Ponty (1951), cada geração filosófica não consegue receber uma herança de ideias sem transformá-las no exato momento em que se dispõe a pensá-las – o papel do pensador. Portanto, Freud, enquanto pensador, irá transformar sua herança. O psíquico como máquina ligada à Física, à Biologia e às representações mentais se transforma em Freud tanto a partir da lógica (do *inconsciente*) e da linguagem, quanto da arte. Há em Freud uma comunicação tanto imagética como por linguagem, que revela uma dimensão tanto do dizer quanto do mostrar ou designar, além dos limites da própria linguagem (GLYMOR, 2018) – o qual habita a *pulsão*, no caso. A *pulsão* opera e habita em um campo indeterminado em que não há distinção entre o corpo e o aparelho psíquico, e isso a torna, ao lado do conceito de *inconsciente*, um conceito fundamental. Podemos dizer que do seu lugar indeterminado, a *pulsão* é tão ou até mais fundamental que o conceito de *inconsciente* devido ao fato dela ser precedente ao aparelho anímico e ser o elo de passagem entre o corpo e o psíquico. Isso obriga Freud a forjar um léxico que escapa à metodologia das Ciências da Natureza (IANNINI, 2019) e coloca a *pulsão* e sua teoria como um método, clínico no caso, que nos obriga a discorrer sobre uma gramática das relações (DUNKER, 2019). Logo, em virtude dessa zona indeterminada e desconhecida na qual habita a *pulsão*, tornar-se mais previsível, determinado e controlável, “biologizar” o conceito para adequá-lo aos moldes científicos tradicionais do que buscar descrever e compreender sua especificidade indeterminada, indizível e irreduzível (GARCIA-ROZA, 2014). Desse modo, podemos observar que, no caso da *pulsão*, há em sua constituição o desvio em relação à função, isto é, ela seria o “instinto” que se

desnaturaliza por se desviar de suas fontes e de seus objetos (GARCIA-ROZA, 2011). Cada objeto encontrado pela pulsão só lhe pode oferecer uma satisfação parcial, isso implica que a apropriação do objeto mostra que ele não é, ou não dará, ou não será por ele que ela achará a satisfação almejada. A satisfação parcial encontrada revela que ela acontece no território do *princípio de prazer* e no campo dos destinos da pulsão. Em um território de objetos, em que cada um deles se mostra como candidato a objetos perfeitos e absolutos. No entanto, sob essa aparência de perfeição e completude, esses objetos não passam da ordem da representação e incompletude (GARCIA-ROZA, 2008). Portanto, o conceito de pulsão constitui-se como um enigma que vai além da mera definição de um conceito ou sobre questões metodológicas, pois ela problematiza a representação de *natureza* ou a nossa representação dela, e, devido à forma como a Psicanálise aborda o corpo, ela nos obriga a repensá-la (GARCIA-ROZA, 2004) e a ultrapassar o horizonte histórico freudiano e o nosso. Por isso, Merleau-Ponty (1951) afirma ser próprio do *freudismo* a dissolução dos conceitos tradicionais e a formulação de novas noções que fornece novos meios de formalizarmos nossas experiências.

Devido à necessidade de repensarmos a ideia de *natureza* a partir do modo como a Psicanálise aborda o corpo, Merleau-Ponty (1951) vê que Freud o faz quando, por exemplo, circunscreve o amor ou o amar e a sexualidade (no caso, os destinos da pulsão; reversão em seu contrário e o retorno em direção à própria pessoa). Freud revela a nós, aos olhos do filósofo, as nossas incertezas ante a *natureza* graças ao caminho para constituir esse poder sexual – repleto de dispositivos e objetivos que requerem um conjunto de investimentos antecipados em outros investimentos que regressamos, repetimos e os superamos. Regressão, repetição e superação conectados ao lugar com que se estabeleceu o nexo da criança com os parentes ou cuidadores, lugar que funda sua história, lugar que não é da ordem instintiva, que “é para Freud, uma ligação ou vínculo espiritual” (MERLEAU-PONTY, 1951, p. 371). Espiritual em um sentido renovado, isto é, no sentido em que a realidade última psicológica está para Freud como um conjunto de regras que forma um campo de atrações que conecta tencionando a criança às figuras parentais. Figuras essas que se constituem como um ponto de passagem pelo qual se acessa o mundo e os outros, e são destituídas das pessoas parentais, pois são por meio de suas imagens (*imago's*). O espiritual aqui não é, então, uma *essência* contida em um ente, mas um campo de relações no qual existimos nas relações e por meio delas. Um campo de atração que nada mais é do que um lugar de ensaio e experiências primeiras do conjunto de posições (vemos mais uma vez a presença dos destinos da pulsão reversão em seu contrário e o retorno em direção à própria pessoa) que serão exercidas por toda uma vida. Conclui assim Merleau-Ponty (1951), para Freud não é só o objeto de amor que escapa ao instinto, mas a própria forma de amar, pois

ela ultrapassa a dimensão instintual conservando-a em uma nova dimensão e modo de ser que supera e conserva, ao mesmo tempo, os modos instituídos. Logo, o amor adulto só é possível ao ser sustentado por uma ternura infantil que precisa, ao mesmo tempo, ser superada em uma genitalidade, mas que também doa o impossível em todo amor, isto é, doa exatamente aquilo que dá conteúdo às relações genitais e consegue ir além, pois é também a fonte de inúmeras obras de arte e criações (sublimação), por exemplo. Como saímos de uma demanda que exige provas e apego absoluto a todo momento para um amor que fomenta autonomia e toma o outro como ele é? Isso só é possível com uma conquista sobre o amor infantil, transformando-o, mas também o conservando como a vitalidade das relações. Entretanto, para Merleau-Ponty (1951), o apogeu da *Filosofia do freudismo*, no que tange a esse ponto, não está somente nessa superação do instinto, mas se encontra principalmente em descrever os meios pelos quais isso tudo é possível na criança e como isso se dá nela por intermédio de regiões e funções corporais. Isto é, como o corpo, ponto de fundação a Merleau-Ponty desde sua *Phénoménologie de la perception* (1945), ou como esse *corpo próprio* estabelece para Freud as relações com outrem por meio de suas regiões (zona erógenas, por exemplo), funções e relações primordiais que permanecem e dão sentido aos atos adultos. Há uma unidade corporal em Freud para Merleau-Ponty (1951) que ultrapassa a visão dicotômica de sua época, propondo algo distinto do materialismo e espiritismo renovados no início do século XX.

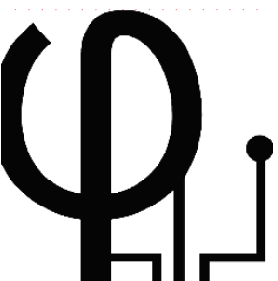
É assim, portanto, que Merleau-Ponty (1951) compreende que a *Filosofia do freudismo* ou simplesmente *freudismo*, por meio da sexualidade e pulsionalidade, revela a corporeidade como *o solo de nossa existência* e/ou como um poder de doação absoluto e universal. Dessa forma, em Freud, “o fisiológico e o instinto estão envoltos em uma exigência central de posse absoluta que não pode ser obra de um pedaço de matéria, que é da ordem do que normalmente chamamos de a consciência” (MERLEAU-PONTY, 1951, p. 372). No entanto, alerta o filósofo sobre o termo consciência e seu possível uso inapropriado aqui, pois retoma dicotomias impugnadas pelo *freudismo*, transformando as perspectivas de corpo e espírito correntes. Para Merleau-Ponty (1951), no momento em que Freud afirma que *todo fato psíquico possui um significado*, expõe-se que nenhuma ação humana é o efeito ou a consequência de mecanismos corporais e, simultaneamente, isso significa a recusa da existência de algum espírito ou automatismo no comportamento. Portanto, *o que* Freud *quer dizer* é que “todos nossos gestos participam à sua maneira desta única atividade de explicitação e significação que é nós mesmos” (MERLEAU-PONTY, 1951, p. 373). A partir disso, Merleau-Ponty (1951) entende que Freud nos descreve a Psicologia pelo corpo e a significação psicológica do corpo por meio de uma lógica latente e oculta. Impede-se de definir o corpo como uma

massa material e revela que as noções filosóficas correntes até àquele momento são insuficientes para pensar as relações do corpo com a vida total. Com a Psicanálise, entende o filósofo, “o espírito passa no corpo como inversamente o corpo passa no espírito” (MERLEAU-PONTY, 1951, p. 373), pois a Psicanálise revela o corpo não apenas como *enigma*, mas também como parte do mundo, como um habitante que deseja não só se aproximar dos demais, e se unir a eles em seus corpos. Entretanto, segundo Merleau-Ponty (1951), há ainda muito por ser feito em relação à experiência psicanalítica revelada aqui e muito a se revelar de seu conteúdo – apesar de todas as suas benesses filosóficas –, pois muitos psicanalistas, inclusive o próprio Freud como vimos, acabaram edificando o seu conteúdo ou a sua teoria em noções insatisfatórias e ultrapassadas.

Merleau-Ponty (SEVERO, 2018) defende que há ainda problemas de formulação teórica a serem superados em algumas noções psicanalíticas, os quais não invalidam as descobertas freudianas, mas obscurecem nossa percepção e apreensão de sua intuição original, e aquilo que foi a sua grande descoberta, a saber: essa “osmose entre a vida anônima do corpo e a vida oficial da pessoa” (MERLEAU-PONTY, 1951, p. 374). A fim de tentar dar conta dessa osmose, Merleau-Ponty (1951) entende que Freud equivocadamente introduziu um elemento entre os organismos e nós à moda tradicional: o *inconsciente*. O equívoco freudiano ocorre, então, na formulação desse elemento, pois devido à diversidade dos usos, das contradições resultantes desses usos e o modo como Freud deixa compreender em várias passagens de sua obra, faz com que essa noção ainda precise, aos olhos de Merleau-Ponty (1951), ser formulada corretamente. Uma vez que “o inconsciente à primeira vista evoca o lugar de uma dinâmica pulsional da qual apenas a resultante nos seria dada” (MERLEAU-PONTY, 1951, p. 374), essa noção não pode ser concebida como um *processo em terceira pessoa*<sup>6</sup> de modo mecânico e/ou energético, exatamente por ser do *inconsciente* que nossas escolhas emergem e serão admitidas ou não em nossa existência oficial. Portanto, o *inconsciente* “não é então um *não saber*, mas sim um saber não reconhecido, informulado, que nós não queremos assumir. Em uma linguagem aproximada, Freud está aqui a ponto de descobrir isso que outros autores de modo mais adequado nomearam como *percepção ambígua*” (MERLEAU-PONTY, 1951, p. 374). A qualificação do *inconsciente* como percepção ambígua por Merleau-Ponty (1951) é fundamental. Sem entrar em todos os meandros do que seria a percepção para o filósofo e o motivo dela ser essencialmente ambígua, o ponto relevante aqui é que uma formulação adequada do *inconsciente*, exigida por Merleau-Ponty (1951) e para harmonizar o conceito com a *Filosofia*

<sup>6</sup> Termo que aparece em vários momentos da obra de Merleau-Ponty no que se refere a sua interpretação sobre a Psicanálise e que o filósofo retirou de Politzer (1928).

do *freudismo*, requer uma inserção a uma dimensão originária da experiência. Dimensão essa na qual a percepção participa doando e captando sentidos e significados – uma vez que somos participantes da experiência e não somente passivos ante ela. Desse modo, imbuídos de licença poética, reformulando a famosa definição lacaniana e considerando as observações do filósofo, percebemos que o *inconsciente se estrutura como percepção*, como nascedouro de experiências ou local, no qual elas se articulam passando a existir. É só desse lugar que é possível para Merleau-Ponty (1951) reconhecer não só o *inconsciente*, mas também a *consciência*, isto é, encontrar “um estado civil para essa consciência que esbarra em seus objetos, que lhes escapa quando está para colocá-los e os levar em conta, cega aos obstáculos” MERLEAU-PONTY, 1951, p. 374). Uma *consciência* que “ao invés de reconhecê-los, não quer conhecê-los, os ignora na medida em que os conhece, e os conhece na medida em que os ignora” (MERLEAU-PONTY, 1951, p. 375). Por isso, a necessidade da ambiguidade, no sentido que ela é o terreno e fundamento de nossas ações e, por fim, do nosso próprio conhecimento. De qualquer forma, Merleau-Ponty (1951) compreende que, apesar dos problemas freudianos de formulação a serem superados, Freud percebeu cada vez mais no caminhar de sua obra “a função espiritual do corpo e a encarnação do espírito” (MERLEAU-PONTY, 1951, p. 375), sendo que esse é um dos sentidos basilares de seu pensamento. Portanto, Merleau-Ponty (1951) conclui que, no desenrolar da obra freudiana, ocorre um amadurecimento de suas ideias neste sentido. Quando Freud fala da *agressividade*, por exemplo, quando ele insere a questão da agressividade e a aborda na relação sexual-agressiva com outrem, ele aprofunda a sua e a nossa percepção sobre elementos e experiências fundamentais de nossa vida. Freud observa um fator elementar em nossa agressividade, a saber, que ela não visa coisas, mas sim pessoas, e isso confere, no entrelaçamento do sexual e da agressividade, um interior refletido, um *quiasma*, ou um imbricamento por toda extensão das relações - de pessoa a pessoa. A relação sexual-agressiva revela “que o sexual é o nosso caminho carnal, porque somos carne, e de viver a relação com outrem” (MERLEAU-PONTY, 1951, p. 375). Dessa forma, conseguimos perceber por Freud e pela sexualidade que somos o outro (corpo). A sexualidade e a agressividade constroem entre mim e o outro um campo de relações circulares calcados em *projeções* e *introjeções* que lançam luz sobre uma rede especular em mim e no outro, que me faz ser o outro e o outro ser eu. Tece-se, assim, a nervura da *Carne* – o estofado do mundo.





## REFERÊNCIAS

- BION, W. R. The Psycho-Analytic Study of Thinking. *Int. J. Psycho-Anal.*, n. 43, 1962.
- BION, W. R. Uma teoria do pensar. In: *Melanie Klein hoje: Desenvolvimento da teoria e técnica*. Volume 1: Artigos predominantes teóricos. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991.
- DUNKER, C. I. L. Uma gramática para a clínica psicanalítica. In: FREUD, S. (1915). *As pulsões e seus destinos*. Trad. Paulo Heliodoro Tavares. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- FREUD, S. (1890). Tratamento psíquico (tratamento anímico). In: *Fundamentos da Clínica Psicanalítica*. Trad. Claudia Dornbusch. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- FREUD, S. (1915). *As pulsões e seus destinos*. Trad. Paulo Heliodoro Tavares. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- FREUD, S. Pulsões e Destinos da Pulsão. In: *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. v. 1. Obras psicológicas de Sigmund Freud. Trad. Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2004.
- FREUD, S. (1919). Caminhos da terapia psicanalítica. In: *Fundamentos da Clínica Psicanalítica*. Trad. Claudia Dornbusch. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- FREUD, S. (1933). Novas lições introdutórias da Psicanálise. In: *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GARCIA-ROZA, L. A. *O mal radical em Freud*. 5 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- GARCIA-ROZA, L. A. *Introdução à metapsicologia freudiana*. v. 3, 7.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- GARCIA-ROZA, L. A. *Freud e o inconsciente*. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- GARCIA-ROZA, L. A. *Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- GLYMOUR, C. Os andróides de Freud. In: NEU, J. (Ed.). *Freud*. São Paulo: Ideias & Letras, 2018.
- HANNS, L. A. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- IANNINI, G. Epistemologia da pulsão: fantasia, ciência, mito. In: Freud, S. (1915). *As pulsões e seus destinos*. Trad. Paulo Heliodoro Tavares. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- MERLEAU-PONTY, M. (1945). *Phénoménologie de l'aperception*. Paris: Gallimard, 2008.
- MERLEAU-PONTY, M. (1951). L'homme et L'adversité. In: *Signes*. Paris: Gallimard, 2014.
- MERLEAU-PONTY, M. (1958-59). La philosophie aujourd'hui. In: *Notes des cours au Collège de France*. Paris: Gallimard, 1996.
- MERLEAU-PONTY, M. (1960a). Nature. In: *Le visible et l'invisible*. Paris: Gallimard, 1971.
- MERLEAU-PONTY, M. (1960b). Corps et chair – Eros – Philosophie du Freudisme. In: *Le visible et l'invisible*. Paris: Gallimard, 1971.
- MERLEAU-PONTY, M. (1960-61). L'ontologie cartésienne et l'ontologie d'aujourd'hui. In: *Notes des cours au Collège de France*. Paris: Gallimard, 1996.
- MERLEAU-PONTY, M. (1964a). *Le visible et l'invisible*. Paris: Gallimard, 1971.
- MERLEAU-PONTY, M. (1964b). *L'Oeil et l'Esprit*. Paris: Gallimard, 2015.
- POLITZER, G. (1928). *Crítica aos Fundamentos da Psicologia: a psicologia e a psicanálise*. Trad. Marcos Marcionilo e Yvone M. T. da Silva. Piracicaba, SP: Unimep, 1998.
- SEVERO, D. C. *Linguagem Como Expressão do Corpo – O Significado do Falante à Luz da Fenomenologia de Merleau-Ponty*. Curitiba: Juruá Editora, 2014.
- SEVERO, D. C. *Do Narcisismo à Dependência: Uma introdução metapsicológica a um funcionamento contemporâneo*. Aparecida: Ideias & Letras, 2015.

SEVERO, D. C. *O Projeto de uma Psicanálise Ontológica em Merleau-Ponty*. 2018. Tese (Doutorado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, São Paulo, 2018.

SEVERO, D. C. *Os sujeitos do homem psicanalítico: rumo à arqueologia dos sentidos*. Curitiba: CRV, 2020.

